

O DIA EM QUE O BANCO PAROU

Não foram duas ou três agências que pararam naquele dia. Foram praticamente todas as agências bancárias do Brasil.

O ano era 1985.

Bancários não tinham vale alimentação, vale-refeição, PLR. Não havia controle de horas extras e o salário só diminuía com a inflação nas alturas.

Nosso sindicato também não existia.

Mas alguns bancários e bancárias começaram a se encontrar. Iam e vinham de São Paulo trazendo notícias e uma missão: Vamos parar as agências de Jundiaí!

No dia da greve, pensavam que conseguiriam parar apenas oito agências. Mas, em poucas horas, mais bancários iam aderindo ao movimento e mais agências iam sendo fechadas, até restar apenas uma. Centenas de bancários estavam na sua frente. A tensão aumentava e o

gerente resistia. Mas ele acabou sozinho dentro do banco e teve que fechar as portas. Em pouco tempo a greve se espalhava para cidades vizinhas.

O que aconteceu em Jundiaí também estava acontecendo em outros lugares, em todo Brasil.

A greve de 11 de setembro entrou para a história não apenas porque os banqueiros atenderam às nossas reivindicações, mas porque ali surgiram novas lideranças e um novo movimento sindical.

Nosso sindicato também nasceu daquele movimento de 1985.

Se hoje somos uma categoria respeitada – e negociamos frente a frente com algumas das maiores empresas do Brasil e do mundo – é porque construímos essa força ao longo dos anos.

E essa história continua hoje, com você.

Saiba mais na página 4.

Este relato foi inspirado na entrevista com Roberto Rodrigues, para a compor o livro dos 40 anos do movimento sindical bancário em Jundiaí. Você também pode participar desse projeto, enviando o seu relato para o email imprensa@bancariosjundiai.com.br



Faça parte dessa luta!

bancariosjundiai.com.br



CAIXA

Caixas, tesoureiros e reestruturação



Mayara Siqueira, funcionária da Caixa e diretora do sindicato

Na última reunião da mesa permanente de negociação, realizada em 28 de maio, a Caixa encerrou as discussões sobre as funções de caixas e tesoureiros, que estavam pendentes desde a Campanha Nacional dos Bancários de 2024. A decisão ocorreu após a recusa da representação dos empregados em negociar a retirada de direitos. O banco manteve o compromisso de preservar o quadro atual e não alterar direitos sem nova negociação, entretanto, o movimento sindical e a representação dos empregados estão em alerta.

Paralelamente, surgiu o rumor de que a Caixa estaria conduzindo uma "Ação consultiva – ReprogAME Sua Trajetória", supostamente destinada a induzir caixas e tesoureiros a repensarem suas

carreiras.

Em resposta, o movimento sindical enviou um ofício exigindo esclarecimentos sobre a reestruturação proposta e reafirmando que qualquer mudança deve ser discutida previamente com a Comissão Executiva de Empregados (CEE).

A Caixa assumiu o compromisso de submeter eventuais reestruturações ao debate com a CEE antes de implementá-las.

O movimento sindical segue mobilizado, exigindo transparência e participação efetiva dos trabalhadores e trabalhadoras, já que tanto a função de caixa quanto a de tesoureiro são estratégicas na rede presencial do banco e impactam diretamente o atendimento à população.

BANCO DO BRASIL

O silêncio da direção em meio ao caos!



Paulo Malerba, presidente do sindicato

Os homens e mulheres que constroem diariamente o Banco do Brasil enfrentam um cenário de descuido e desrespeito por parte da direção da empresa. Nos recentes "Encontros de Lideranças" (Enlid), mais uma vez, nenhuma proposta concreta foi apresentada. O evento se limitou a discursos vazios, com foco em marketing interno, enquanto os problemas reais seguem ignorados.

A situação nas agências é crítica. A falta de funcionários tem levado à sobrecarga dos colegas, que lidam diariamente com metas desproporcionais e pressão crescente. Promoções e transferências tornaram-se exceções, diante de uma estrutura travada e desorganizada.

Durante as negociações de 2024, o banco se comprometeu a enfrentar a escassez de pessoal e a regularizar a situação dos funcionários oriundos da

antiga Nossa Caixa, que ainda não têm acesso à Cassi. Nada foi cumprido. A omissão da direção quanto a isso é injustificável.

O banco gasta muito com várias atividades, inclusive esses encontros de líderes, mas não apresenta qualquer avanço ou plano de ação concreto para seus funcionários.

O sindicato cobra responsabilidade. Os bancários merecem mais que discursos motivacionais: exigem soluções reais, respeito aos compromissos firmados e valorização de quem sustenta o BB diariamente.



Centro Histórico Digital

Descubra as imagens que estão por trás dos seus direitos

Já está no ar o nosso Centro Histórico Digital (CHD)!

Ele reúne quase 10 mil fotos da categoria e do movimento sindical bancário em Jundiaí e Região, de 1986 a 2025.

As imagens estão aí pra mostrar que por trás de

cada conquista, havia um movimento, uma estratégia, uma ação concreta.

Nosso acervo está aberto a consulta, mas também para novas imagens – e novas histórias.

Saiba como enviar suas fotos na página do CHD.

Conheça, divulgue e participe!



BRADESCO

Descaso, pressões e o fim de uma era



Gerson Pereira, funcionário do Bradesco e diretor do sindicato

A rua do Rosário, coração financeiro de Jundiá, perdeu sua agência do Bradesco (3034). O prédio, que antes abrigava o prestigiado BCN, agora está vazio. A agência do Maxi Shopping já foi fechada e, agora, o banco anuncia o encerramento da unidade da Vila Arens.

Restam apenas duas agências com caixas presenciais na cidade: no calçadão e no Anhangabaú. A justificativa do banco? “A era do PIX e dos bancos digitais”.

Enquanto fecha agências, o Bradesco ostenta lucro de R\$ 5,864 bilhões no 1º trimestre de 2025 — alta de 39% em 12 meses. Só no último ano, foram 2.284 agências fechadas, cinco na região de Jundiá. No mesmo período, 2.269 trabalhadores foram demitidos. Os que permanecem estão sobrecarregados: cada um atende, em média, 1.021

clientes.

O fechamento das agências transfere clientes para locais distantes, sem planejamento. Pessoas idosas e sem acesso digital são as mais prejudicadas. Reclamações se acumulam: falta de dinheiro nos caixas eletrônicos e limite reduzido de saque — R\$ 300 por letras e R\$ 3.000 por biometria.

Funcionários são pressionados a convencer clientes a não sacarem seu próprio dinheiro, enquanto enfrentam metas abusivas para atrair novos correntistas.

O Bradesco precisa mudar sua postura, respeitar seus trabalhadores e oferecer condições dignas. Também deve lembrar que, como banco com concessão pública, tem obrigação de atender a toda a população — inclusive quem precisa do atendimento presencial.

SANTANDER

Nossos direitos não podem ser terceirizados



Natal Gomes, funcionário do Santander e diretor do sindicato

Desde 2019, o Santander Brasil criou ou incorporou 30 empresas controladas ou coligadas, todas com atividades fora da categoria bancária. São 26 CNAEs diferentes, entre elas cobrança, agenciamento de seguros e desenvolvimento de software.

Essa estratégia permite transferir colegas para essas controladas e driblar os direitos garantidos pela Convenção Coletiva de Trabalho (CCT).

Ao mesmo tempo, o banco fecha agências – 299 entre janeiro e março de 2025 – e demite diretamente, promovendo enxugamento da estrutura física. O resultado: quem permanece enfrenta metas abusivas, excesso de trabalho e atendimento sobrecarregado, prejudicando tanto funcionários quanto clientes

Mesmo assim, o Santander registrou lucro recorde. No primeiro trimestre de 2025, o

banco obteve R\$ 3,861 bilhões, um crescimento de 27,8% em relação ao ano anterior.

O fato é claro: o lucro sobe enquanto direitos são transferidos para controladas e serviços são precarizados – o que choca com o discurso institucional.

Ao mesmo tempo, agências são fechadas e a população de diversas localidades prejudicadas.

O movimento sindical tem atuado frontalmente contra essa prática, com uma campanha nacional, protestos em agências e ações na Justiça e no Legislativo.

O Banco precisa respeitar seus funcionários e, se alguém trabalha para o banco, deve ser reconhecido como bancário, com todos os direitos da CCT.

Estamos unidos e seguimos firmes, porque nosso trabalho é quem sustenta os lucros do banco — e nossos direitos não podem ser terceirizados.

ITAÚ

Feito para você... assumir a culpa?



Leticia Mariano, funcionária do Itaú e diretora do sindicato

Dizer o óbvio nunca foi tão necessário: sua funcional é pessoal e intransferível. Ela carrega não só o seu nome, mas também sua responsabilidade.

No ritmo acelerado do dia a dia, é comum que muitos de nós atendam e vendam quase “no automático”. Mas é justamente aí que mora o perigo.

Sabemos que, infelizmente, a política de promoção no banco valoriza muito mais o volume de vendas do que o conhecimento técnico ou a maturidade profissional. Isso faz com que muitos gestores ascendam por serem bons vendedores.

Nesse cenário, não é raro vermos pressões explícitas, ou veladas, para “dar um jeitinho”, “apenas registrar no seu nome”,

ou “facilitar” uma venda a qualquer custo.

Mas essas práticas são perigosas.

Temos visto uma atuação cada vez mais frequente da inspetoria, o que vem resultando em desligamentos.

Por isso, reforçamos: não se deixe levar pela pressão ou por atalhos que podem

comprometer sua carreira.

A responsabilidade de uma venda incorreta recai sobre quem a registra — e é você quem responde por ela.

Se você está sendo pressionado por superiores a adotar práticas duvidosas, denuncie.

O sindicato está aqui para te apoiar. Conte conosco!



Sindicato não é streaming

O mundo anda cada vez mais rápido. Há alguns anos nem pensávamos em plataformas de streaming e hoje ficamos irritados quando a série que procuramos não está no catálogo que a gente assina.

A velocidade das coisas trouxe muitos benefícios, mas também pode nos deixar mal acostumados: Acabamos querendo respostas instantâneas e resultados imediatos para tudo.

Entretanto, a construção e a defesa dos direitos trabalhistas não podem ser tratadas como um serviço sob demanda.

Não dá pra dizermos: "Nesse mês vou cancelar o sindicato", como se fosse uma assinatura qualquer, e, com isso, abrir mão de tudo o que já foi conquistado: vale-alimentação, vale-refeição, licença-maternidade, jornada de seis horas, PLR... Nada disso veio de graça. Cada benefício é resultado de mobilização, negociações e muita luta coletiva, conquista por conquista, ano após ano.

Se alguém decidisse abrir mão do seu próprio vale-alimentação ou refeição, estaria renunciando a um direito conquistado historicamente.

O sindicato não é um serviço de consumo, é o espaço onde bancários decidem coletivamente o que querem para nossa categoria.

Só com unidade conseguimos proteger direitos e conquistar novos.

A visão utilitarista, de que tudo deve ser instantâneo, não se aplica à luta sindical — aqui se planta hoje para colher amanhã, assim como hoje colhemos os frutos de quem lutou por nós, no passado.

Por isso, contamos com você: fortaleça a sua categoria.

Somos todos parte dessa conquista constante — porque direitos não devem ser cancelados, mas defendidos a todo o custo.



**Você é sócio do sindicato?
Saiba como ganhar um
super brinde!**

A partir de julho, sócios(as) do sindicato que indicarem novos(as) associados(as) vão ganhar um super brinde.

E os novos(as) associados(as) também!

Acompanhe as nossas redes sociais e nosso site para saber mais informações.

Porque essa luta é de todos nós!

- **Café da manhã**
- **Refrigerantes e sucos**
- **Chopp**
- **Almoço e Churrasco**
- **Música ao vivo**
- **Espaço Kids**
- **Alimentação para crianças**
- **Frutas e Sobremesas**

30 de agosto

FESTA DOS
BANCÁRIOS

Local:
Espaço Paraíso
Campo Limpo Paulista

1º Lote (até 31/07/2025)

Bancários sócios e dependentes: R\$ 70,00*

2º Lote (a partir de 01/08/2025)

Bancários sócios e dependentes: R\$ 80,00*

**Convites LIMITADOS!
Garanta o seu!**



Solicite seu convite